**Eleições na União Europeia**

Assistimos, neste passado mês de Maio, a duas importantes eleições em países europeus, num ano em que decorrerão várias entre as quais as legislativas em Portugal. Refiro-me às eleições legislativas no Reino Unido e às eleições municipais e autonómicas em Espanha. Ambas trouxeram algumas lições relevantes para políticos e analistas em geral (politólogos, sociólogos, jornalistas) fazedores da opinião pública, as quais considero pertinente destacar aqui muito sucintamente.

O facto consensualmente mais marcante das eleições legislativas no Reino Unido foi o total erro das sondagens: até à boca das urnas as sondagens anunciavam uma luta renhida entre conservadores e trabalhistas, sem vencedor declarado; mas, afinal os conservadores alcançaram a maioria. Importa perceber o que falhou nas sondagens, não apenas pelas ilações no plano científico, mas também pelo seu impacto político quando se sabe que as sondagens divulgadas influenciam o voto dos cidadãos. Uma sondagem sem validade científica pode ser legitimamente considerada como manipuladora do sentido do voto.

O segundo aspecto a sublinhar das legislativas inglesas, e o mais relevante politicamente, é a vitória destacada do partido do governo. Trata-se de um partido conservador, cuja liderança de David Cameron nos últimos cinco anos foi marcada pela rígida austeridade nas contas públicas, através da qual conseguiu o maior crescimento na Europa e a diminuição da taxa de desemprego, entre outros índices positivos. É, pois, um partido do governo, a protagonizar a dita austeridade, que ganha as eleições.

Há algumas semelhanças a destacar com as eleições municipais e autonómicas em Espanha. Estas decorreram sob o vaticínio da vitoria de movimentos ditos de cidadãos, por oposição aos partidos já tradicionalmente estruturados, o PP e o PSOE, ou seja o bipartidarismo que impera um pouco por todas as democracias consolidadas. Estas seriam as eleições que confirmariam o fim do bipartidarismo e a vitória dos cidadãos contra a austeridade, na esteira do que já este ano havia acontecido com as eleições legislativas gregas e a vitória do Syriza.

É verdade que o bipartidarismo (que não creio perfilar-se como objectivo político em qualquer democracia) sofreu um forte abalo em Espanha. Também é verdade que o partido conservador do governo reduziu significativamente a sua representatividade na sociedade espanhola. Mas é ainda igualmente verdade que este partido conservador do governo, protagonista da austeridade em Espanha e da já visível recuperação espanhola, ganhou as eleições.

Indubitavelmente estas eleições mostram-nos o que muitos analistas políticos consideravam impossível: que os partidos governamentais, conservadores e que desenvolveram medidas de forte restrição orçamental, vencem eleições.

Em Portugal, a recuperação também já se iniciou de acordo com índices diversos como sejam o crescimento, o desemprego, as exportações, o consumo, os juros que os mercados nos cobram ao fim de quatro anos de governo, três dos quais com um programa assinado pelo PS com a troika. Espero, pois, que também entre nós se confie nos alicerces que foram sendo construídos para o crescimento e que já começam a dar resultados.

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)